

O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO BRASILEIRO EM VIAS DE MIDIATIZAÇÃO

[ARTIGO]

Catiane Rocha Passos de Souza
Rita de Cássia Aragão Matos

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo discute o modo como os discursos midiáticos atravessam e constituem o funcionamento do campo religioso pentecostal em sua formação. Nossa hipótese é que se trata de uma religiosidade entranhada, desde sua origem, no processo evolutivo da *semiosis* social, portanto mediatizada. O processo de mediatização interpenetra todas as fases do Pentecostalismo no Brasil, antes disso, ao Protestantismo cujas bases são a Reforma luterana. Para essa análise, tomamos o conceito de Mediatização do semiólogo argentino Eliseo Verón, além das fontes históricas sobre o Movimento Pentecostal. O trabalho faz um recorte de observação na apropriação da imprensa durante a primeira fase do pentecostalismo brasileiro, ou pentecostalismo clássico (1910-1950), quando se implantaram apenas duas denominações no país: Assembleias de Deus e Congregação Cristã do Brasil.

Palavras-chave: Mediatização. Imprensa. Pentecostalismo. Assembleia de Deus. Congregação Cristã do Brasil.

This article discusses the way the mediatic discourse cross and constitute the functioning of the Pentecostal religious field in its formation. Our hypothesis is that it is an ingrained religiosity, since its origin, in the evolutionary process of social semiosis, accordingly mediated. The mediatization process interpenetrates all phases of Pentecostalism in Brazil, before that, to Protestantism whose bases are the Lutheran Reform. For this analysis, we have taken the concept of Mediatization from the Argentine semiotician Eliseo Verón, beside the historical sources about the Pentecostal Movement. The work is an observation snip in the appropriation of the press during the first phase of Brazilian Pentecostalism, or classical Pentecostalism (1910-1950), when were implanted only two denominations in the country: Assemblies of God and the Christian Congregation of Brazil.

Keywords: Mediatization. Press. Pentecostalism. Assembly of God. Christian Congregation of Brazil.

Este artículo analiza cómo los discursos de los medios cruzan y constituyen el funcionamiento del campo religioso pentecostal en su formación. Nuestra hipótesis es que se trata de una religiosidad arraigada, desde su origen, en el proceso evolutivo de la *semiosis* social, por lo tanto mediatizada. El proceso de mediatización impregna todas las fases del Pentecostalismo en Brasil, antes de eso, al Protestantismo cuyas bases son la Reforma luterana. Para este análisis, se toma el concepto de Mediatización de el semiólogo argentino Eliseo Verón, además de las fuentes históricas sobre el Movimiento Pentecostal. El trabajo es una observación en la apropiación de la prensa durante la primera fase del pentecostalismo brasileño, o pentecostalismo clásico (1910-1950), cuando se implantaron sólo dos denominaciones en el país: Asambleas de Dios y la Congregación Cristiana de Brasil.

Palabras-clave: Mediatización. Prensa. Pentecostalismo. Asamblea de Dios. Congregación Cristiana de Brasil.

1. RELIGIÃO MUDIATIZADA E/OU MUDIATIZADAÇÃO RELIGIOSA

Pensar a religião na contemporaneidade é uma tarefa que requer reflexão sobre sua relação com a mídia, principalmente porque essa relação ampliou as condições do surgimento e/ou fortalecimento de novas religiosidades. Cada vez mais surgem novas formas de rituais e autocultivo longe dos espaços e das autoridades religiosas tradicionais. Esse crescimento deve-se às novas formas de acesso ao conhecimento, bem como aos novos modos de sociabilidade provenientes do desenvolvimento das tecnologias midiáticas. Proliferam símbolos, discursos e posicionamentos religiosos nos diversos espaços sociais como numa espécie de reencantamento do mundo, uma reação contrária à secularização anunciada pela modernidade.

A proliferação de novas religiosidades surge como a nova dimensão dessa relação atemporal, pois religião e mídia nunca estiveram desassociadas uma da outra. No curso da história, a relação com o sagrado sempre se operou por dispositivos materiais e/ou simbólicos, desde objetos de veneração à própria linguagem: “Na verdade, pode-se até mesmo dizer que é somente através desses meios de comunicação que se torna possível para alguém proclamar sua fé, marcar sua filiação, receber dons espirituais” (STOLOW, 2014, p. 150).

Rodrigues (2016, p. 176) esclarece como o termo latino *médium* (no plural, *media*) foi introduzido no inglês, no final do século XIX, nos Estados Unidos da América, por conta do uso do telégrafo, da fotografia e do rádio nas sessões espíritas kardecistas

como forma de tornarem possível a transmissão de mensagens entre pessoas distantes. A questão não é etimológica, mas diz respeito à capacidade de tornar concreta ou possível a ligação com o sagrado:

Religião e mídia pertencem uma à outra porque o próprio ato da comunicação mediada implica questões fundamentais sobre os limites da experiência humana – os nossos corpos frágeis, nossas memórias falhas, a dificuldade de manter contato com outros distantes – e o sonho da comunhão desencarnada e transcendente (STOLOW, 2014, p. 150).

Nessa perspectiva, a mídia é importante para a materialização da experiência religiosa e para a ampliação da própria capacidade do homem em crer no transcendental. A concepção de Verón (2011) de Mudiáticação nos leva a pensar na religião enquanto um campo mudiaticado desde os primórdios de sua existência, pois o sentimento religioso se desenvolveu conforme evoluíram os dispositivos de mediação que geraram e popularizaram crenças. Para Eliseo Verón (2011, 2013, 2014), filósofo e semiólogo argentino, a mudiáticação se iniciou anterior mesmo à ideia de mídias, teve início em torno de 2,5 milhões de anos atrás, com a exteriorização de processos cognitivos, que aparentemente é uma disposição da espécie. Segundo Verón (2014), embora os regimes de significação sejam sempre os mesmos, produzem combinações diferentes, transformando os espaços mentais, ou seja, há uma evolução da mudiáticação no desenvolvimento da espécie humana.

A mudiáticação certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um

resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (VERÓN, 2014, p. 14).

O conceito de midiatização desenvolvido por Verón é uma abordagem semioantropológica que pretende atribuir a própria existência do *homo sapiens* à produção dos signos: “sin mediatización no habría sociedades humanas” (VERÓN, 2013, p. 299). Nesse sentido, a proliferação de religiosidades tem ligação com a evolução e a diversidade dos fenômenos midiáticos, ou seja, quanto mais diversos os dispositivos materiais maior a riqueza de manifestações religiosas. A mídia também se constitui pelas capacidades de simbolização, imaginação e sensibilização ampliadas com o desenvolvimento do sentimento religioso. Nesse sentido, quanto mais religiosa for uma sociedade, mais midiatizadas são suas práticas.

Estudar a midiatização da religião não é tratar do uso dos meios de comunicação por alguma igreja, mas investigar como esse processo reorientou as práticas religiosas. Segundo Verón (2014, p. 16), pela explicação histórica das apropriações que a comunidade faz dos dispositivos técnicos, podemos analisar os momentos cruciais do processo de midiatização. Seguindo essa orientação, rastreamos fragmentos da história que nos conduzem à leitura da religião midiatizada. Conforme nosso recorte

de observação, partiremos da raiz embrionária do pentecostalismo midiatizado: a apropriação da prensa, imprescindível para a Reforma Protestante.

2. REFORMA LUTERANA: GÊNESIS DA MDIATIZAÇÃO RELIGIOSA

Na concepção de Verón (2013, p. 147), “la mediatización es, en el contexto de la evolución de la especie, la secuencia de fenómenos mediáticos históricos que resultan de determinadas materializaciones de la semiosis, obtenidas por procedimientos técnicos”¹. Um desses procedimentos técnicos, que acelerou o tempo evolutivo da espécie, reconhecido e discutido por Verón, foi a criação da prensa. Sobre o modo como esse dispositivo redimensionou a evolução, Verón (2013) dedica os capítulos 14 e 15 do livro *La Semiosis Social 2*. O semiólogo trata da invenção da prensa em meados de 1455, pelo alemão Johannes Gutenberg, que possibilitou a impressão em massa, transformando o mercado de produção de livros, panfletos e outros impressos, conseqüentemente, revolucionando a cultura ocidental para sempre.

Antes da prensa, cada cópia de livro exigia um ou mais escribas e era alto o preço da reprodução. A prensa surgiu na Europa rumo ao Renascimento quando crescia o interesse pelo conhecimento escrito, antes

[1] “A midiatização é, no contexto da evolução da espécie, a sequência de fenômenos midiáticos históricos que resultam de determinadas materializações da semiose, obtidas por procedimentos técnicos” (Tradução nossa).

de exclusividade da nobreza e do clero. Até 1489, já havia prensas como a de Gutenberg na Itália, França, Espanha, Holanda, Inglaterra e Dinamarca. Em 1500, cerca de 15 milhões de livros já haviam sido impressos. Nesse contexto midiático, quando cópias da Bíblia começaram a circular na Europa incentivando sua leitura, Lutero lança a semente de uma Reforma no Cristianismo se apropriando do mecanismo da imprensa: “El campo en el que los historiadores han reconocido más fácil y más rápidamente los efectos del surgimiento del dispositivo técnico de la imprenta es el de la historia del protestantismo”² (VERÓN, 2013, p. 213).

Com cerca de 15 dias de publicadas, as teses de Lutero circularam em toda Alemanha e, em um mês, por toda a Europa. Os reformadores se apropriaram da imprensa como novo mecanismo de persuasão e nasce a publicidade, uma gramática que revoluciona o uso da linguagem (VERÓN, 2013, p. 214). Os panfletos lançaram as bases da Reforma Protestante, eram grafados, em geral, com o nome e desenho de Lutero nas capas. Não era a primeira revolta nem primeiras manifestações contra o império católico romano, condenações por heresias e apostasias foram frequentes na história do cristianismo antes da Reforma, a diferença dessa dissidência é justamente acontecer no momento em que surge um novo dispositivo técnico de comunicação. Os conteúdos ideológicos da Reforma fortaleceram o novo mercado com a geração de ofícios, alterando práticas socioculturais nas comunidades europeias.

[2] “O campo em que os historiadores têm reconhecido mais facilmente e mais rapidamente os efeitos do surgimento do dispositivo técnico da imprensa é o da história do protestantismo” (Tradução nossa).

O acesso à Bíblia paralelo ao protesto de Lutero não pode ser meramente entendido como coincidência temporal, trata-se do surgimento de novas condições possibilitadas pelo novo dispositivo técnico, conforme destaca Verón (2013, p. 215-216). A apropriação do códice fez emergir a primeira civilização de cristãos e mil anos depois a imprensa faz surgir outro coletivo bem maior de leitores focalizados em um texto escrito – a Bíblia. O acesso ao texto sagrado, não mais por mediação humana, mas por um dispositivo, a escrita impressa, reconfigura outras condições de produção e reconhecimento do discurso sagrado. Algumas características dessa reconfiguração são as transformações nos valores do sermão oral, no desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre as narrativas históricas, sobre os mitos e sobre os heróis bíblicos, a maior possibilidade de realizar estudos bíblicos, desenvolvendo um pensamento didático-racionalizado da religiosidade, dentre outras mudanças que aos poucos alteraram o relacionamento do cristão com sua religião, logo, com seu Deus:

El dispositivo técnico (la multiplicación y la posibilidad del acceso generalizado a los textos) anticipó la figura de una nueva estructuración del vínculo entre el cristiano y su deus, y llegado el momento hizo materialmente posible el ejercicio de la autonomía individual en la lectura e interpretación de la Biblia³ (VERÓN, 2013, p. 216).

Essa autonomia possível com o acesso a Bíblia foi algo totalmente inovador

[3] “O dispositivo técnico (a multiplicação e a possibilidade de acesso generalizado aos textos) antecipou a figura de uma nova estruturação de vínculo entre o cristão e seu deus, e chegado o momento materialmente possível fez o exercício da autonomia individual na leitura e interpretação da Bíblia” (Tradução nossa).

no quadro das religiões universais, uma espécie de Renascimento religioso, pois cada leitor tornou-se capaz de buscar sua salvação de modo individualizado na relação com o texto sagrado. Sob os mesmos auspícios do Renascimento do Classicismo na Itália, nasceu o Protestantismo na Alemanha (VERÓN, 2013, p. 217). Nesse cenário, multiplicou-se a heterogeneidade das interpretações bíblicas e o aumento da complexidade dessa leitura deu espaço ao desenvolvimento de um mercado religioso. Na leitura de Verón (2013), a grande inovação da Reforma se estabeleceu precisamente na consciência dos reformadores quanto à defasagem entre produção e reconhecimento do texto sagrado escrito.

Verón entende por *defasagem* “el desajuste entre producción y reconocimiento: estos dos polos de la producción discursiva jamás coinciden exactamente, entre la producción y el reconocimiento no hay relaciones simples, no hay relación lineal”⁴ (VERÓN, 1996, p. 189). Destaca a defasagem enquanto constitutiva da comunicação humana, pois opera tanto no nível midiatizado quanto na comunicação interpessoal não midiatizada. Segundo o semiólogo, a defasagem expressa a não linearidade da circulação do sentido, ou seja, as lógicas de operação são qualitativamente distintas em um e no outro polo da circulação (produção/reconhecimento): “los fenómenos mediáticos no son su causa primera. Así es, en efecto. Digamos, por el momento, que los fenómenos institucionalizan, multiplican, amplifican en los niveles más macroscópicos del funcionamiento social

ese desfase constitutivo”⁵ (VERÓN, 2013, p. 292). Portanto, a defasagem mais perceptível na produção/reconhecimento do texto sagrado impresso mais acessível com a invenção da prensa, fez significativo o papel da tradução e do intérprete. Um exemplo dessa consciência quanto à defasagem, foi o grande empenho de Lutero por toda sua vida em traduzir a Bíblia para o alemão.

O latim era a língua oficial do cristianismo católico, o que restringia o acesso das escrituras ao clero, excluindo os povos. Traduzir o texto sagrado para uma língua vulgar facilitou o acesso e incentivou o aprendizado da leitura, mas, sobretudo, adquiriu um caráter político numa época em que os estados-nações se estabeleciam, sendo a língua principal elemento de identificação nacional. A Bíblia de Lutero estabeleceu, portanto, um desenvolvimento político e intelectual na Alemanha. Após sua publicação, traduções em outras línguas europeias foram se sucedendo, em sua maioria, vinculadas à mensagem de protesto contra os ditames católicos. Logo, o protestantismo se espalhou pela Europa.

Além da Bíblia, o protestantismo se apropriou dos panfletos, a materialidade que antecedeu a imprensa nos moldes como se conheceu na modernidade: “su proclama sobre las indulgencias fue, probablemente, uno de los panfletos más influyentes de la historia” (VERÓN, 2013, p. 220). Posteriormente, a *guerra dos panfletos* viria a estimular grandes eventos como a Revolução Francesa. A

[4] “O desajuste entre produção e reconhecimento: estes dois polos da produção discursiva jamais coincidem exatamente, entre a produção e o reconhecimento não há relações simples, não há relação linear” (Tradução nossa).

[5] “Os fenômenos mediáticos não são sua causa primeira. É isso mesmo, em efeito. Digamos que, para o momento, esses fenômenos institucionalizam, multiplicam, amplificam nos níveis mais macroscópicos do funcionamento social essa defasagem constitutiva” (Tradução nossa).

imprensa passou a constituir a vida diária das pessoas, registrando a história, os fatos que deveriam ser reconhecidos pelas pessoas, conseqüentemente, gerando notoriedade a alguns e esquecimentos a outros.

3. PENTECOSTALISMO DA AZUSA STREET: APROPRIAÇÃO DA DEFASAGEM

A imprensa ganhou maior legitimidade com o aprimoramento da fotografia cujos discursos registram as marcas do momento da própria produção. Pela primeira vez o tempo era materializado e, conseqüentemente, no final do século XIX a montagem de seqüências temporais faz surgir o cinema. Para Verón (2013), esses novos dispositivos técnicos marcam, na chegada do século XX, a midiatização da própria temporalidade. O surgimento de novas técnicas de gravação no campo da música, de telégrafo e rádio no campo dos sons, de fotografia e, posteriormente, de cinema, juntando áudio e visual, faz emergir novas indústrias culturais, mas, principalmente, são fenômenos midiáticos que geram alterações no processo evolutivo da semiose social.

Seria muito ingênuo considerar coincidência a emergência de um novo movimento religioso no início do século XX como deslocado dos processos sociais, sobretudo quando se trata de uma religiosidade advinda do Protestantismo, de caráter racionalizada e urbana. Nesse cenário, quatro séculos depois da Reforma, surge em 1906 um movimento religioso em Los Angeles (EUA), conhecido como *Avivamento da Rua*

Azusa. No entanto, a glossolalia e outros elementos do culto pentecostal foram registrados anteriormente em diversas igrejas e/ou grupos religiosos protestantes nos Estados Unidos. Então, o que fez diferença no Avivamento da Rua Azusa para que se tornasse um marco histórico no Protestantismo?

O que tornou o movimento da Rua Azusa o berço do pentecostalismo contemporâneo não foram propriamente as manifestações de glossolalia, curas e exorcismos, pois não se originaram especificamente nesse episódio. A distinção desse movimento nasce a partir do momento em que as reuniões da Rua Azusa receberam a atenção da imprensa secular em sua primeira semana de programação. Os encontros que eram liderados pelo Pastor William Seymour, negro, garçom e filho de ex-escravos, começaram a acontecer dia 14 de abril de 1906 e três dias após, o jornal *Los Angeles Daily Times* enviou um repórter ao local das reuniões: “O *Los Angeles Times* enviou um repórter a um culto noturno na primeira semana de existência da Missão. O artigo resultante serviu como propaganda gratuita, apesar de seu patente tom aviltante” (ARAÚJO, 2014, p. 605).

O artigo publicado no dia 18 de abril de 1906 fazia duras críticas à reunião e ao pastor entusiástico. O artigo foi publicado no mesmo dia do grande terremoto da Cidade de São Francisco, Califórnia. Foi o terremoto mais destrutivo da história dos Estados Unidos, seguido de um incêndio devastador, arrasou quase 80% da cidade de cerca 410.000 habitantes que ficaram desabrigados. As especulações de que o dia do juízo final se aproximava relacionavam o Avivamento da Azusa e a tragédia do terremoto de São Francisco. Frank Bartleman e outros escritores protestantes publicaram imediatamente folhetos sobre o terremoto.

Domingo, dia 11 de maio [1906], eu havia terminado a distribuição do meu folheto “O Terremoto”. O peso que sentira desapareceu repentinamente. Meu trabalho estava concluído. Setenta e cinco mil folhetos haviam sido publicados e distribuídos em Los Angeles e no sul da Califórnia em menos de três semanas. Em Oakland, o irmão Manley, por sua própria vontade, havia impresso e distribuído mais cinquenta mil nas cidades em volta da Baía de São Francisco e arredores no mesmo espaço de tempo. (BARTLEMAN, [1925] 1962, p. 42).

Milhares de folhetos sobre o cumprimento das profecias foram distribuídos. Após o terremoto, a reunião da Rua Azusa passou a receber visitantes, milhares de pessoas de diversas regiões, a maioria curiosos, “e lá estavam também aqueles que buscavam fazer fama para si mesmos, supostos pregadores” (ARAÚJO, 2014, p. 606). Foi nessa ambiência de circulação discursiva e midiática que nasceu o pentecostalismo enquanto religião constituidora de uma identificação distinta entre os cristianismos contemporâneos.

A circunstância da tragédia em São Francisco foi importante sensibilizador das pessoas para a mensagem pentecostal, entretanto, foi graças à visibilidade que a imprensa deu ao movimento que o tornou famoso: “Editores, tais como Carrie Judd Montgomery (*Triumphs of Faith*), M. L. Ryan (*Apostolic Light*) e A. S. Worrell (*Gospel Witness*), fizeram-se presentes e espalharam rapidamente as notícias” (ARAÚJO, 2014, p. 606). De setembro de 1906 a maio de 1908, a Missão publicou o jornal *The Apostolic Faith*, no qual os sermões de Seymour eram transcritos junto com testemunhos e novidades sobre missionários que estavam sendo enviados para lugares a fim de espalhar

o movimento. O Avivamento da Rua Azusa durou por três anos, mas sua intensidade foi suficiente para mobilizar mensageiros da mensagem pentecostal que se espalharam por diversos países, inclusive no Brasil, para onde vieram os suecos Vingren e Berg, fundadores das Assembleias de Deus, e o italiano Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã do Brasil, todos em 1910.

O artigo publicado no *Los Angeles Times* em 18 de abril de 1906 não contava como interpretante um leitor sensibilizado e aterrorizado pelo grande terremoto na manhã daquele dia, ou seja, a defasagem entre as condições de produção e as condições de reconhecimento foi apropriada pelos pentecostais que ressignificaram o conteúdo do artigo a favor da divulgação das reuniões que aconteciam na Rua Azusa. A comunidade protestante dos Estados Unidos vivia em busca de um avivamento inspirado no que acontecia nas igrejas do País de Gales, Grã-Bretanha, entre 1904 e 1905. Além das circunstâncias imediatas à primeira semana de existência do Avivamento, as pessoas do início do século XX estavam começando a conviver com as indústrias do entretenimento, inclusive os habitantes de *Los Angeles* começavam a vivenciar o início da produção hollywoodiana desde 1907, se consolidando a partir de 1909⁶.

O contexto de desenvolvimento industrial e urbano acelera a dinâmica dos fluxos migratórios que muito contribuiu para a proliferação do pentecostalismo, gerando também êxodos religiosos. A midiaticização da temporalidade, materializada na produção/reconhecimento das sequências narrativas

[6] Por conta de tempestade em Chicago, o filme *O Conde de Monte Cristo* foi finalizado em Los Angeles em 1907. Ainda naquele ano, *The Power of the Sultan* (O Poder do Sultão) seria o primeiro filme todo rodado em Hollywood.

esquemáticas em imagens redimensiona o modo das pessoas compreenderem os fenômenos. Uma religiosidade mais publicizada e espetacularizada encontrou sentido nas relações das pessoas que viviam em processo de evolução da semiose social, portanto, havia maior valorização das manifestações visíveis do poder divino, o deus do início do século XX precisou dar sinais visíveis e audíveis de sua existência. O contato ocular, novo componente da semiose, foi explorado na religiosidade pentecostal individualizada: qualquer pessoa pode receber o Espírito de Deus e isso é materializado pelas manifestações do dom de falar línguas nunca aprendidas e pelas diversas expressões corporais: pulos, danças, rolar no chão, risos, dentre outras. O pentecostalismo contemporâneo é uma forma religiosa do processo de midiatização, não há coincidência nem temporal nem geográfica entre sua emergência e a emergência da indústria cinematográfica, ambos na sociedade do espetáculo.

4. O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO BRASILEIRO EM PROCESSO DE MIDIATIZAÇÃO

A capacidade de produção de significados é ativada de formas diferentes conforme se acumulam os fenômenos midiáticos na sociedade. Nesse processo também evolui a capacidade de simbolizar, necessária na existência da religiosidade: “o crescimento de um meio (ou vários) operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional, tipicamente produz *efeitos radiais*, em todas as direções, afetando de diferentes formas e com diferentes in-

tensidades todos os níveis da sociedade funcional” (VERÓN, 2014, p. 16).

A religião, portanto, em intersecção com os fenômenos midiáticos se manifesta de diferentes formas. Não há linearidade nesse processo. Conforme apontamos acima, a falta de linearidade na comunicação possibilitou emergir movimentos religiosos em dois momentos históricos distintos, o primeiro resultou na divisão do campo religioso cristão, o segundo na ampliação da fragmentação do campo religioso cristão-protestante. Os efeitos radiais, cujos resultados implicam numa enorme rede de relações de retroalimentação, e a não-linearidade “explicam a consequência mais importante desses momentos cruciais de midiatização: *a aceleração do tempo histórico*” (VERÓN, 2014, p. 16).

O ritmo de aceleração e o modo como ocorre dependem dos fenômenos midiáticos que materializam as distorções e produzem as rupturas do espaço-tempo. A aceleração do tempo é observada ao longo da história nas mudanças geradas após a emergência de cada dispositivo técnico-comunicacional em determinados contextos sócio-históricos. Seguindo essa lógica, observaremos a aceleração do tempo histórico no contexto específico do pentecostalismo brasileiro, a fim de reconhecer o processo de midiatização desse campo religioso, de modo particular.

Freston (1993, p. 64-112) classifica o pentecostalismo brasileiro em três ondas, a primeira representa os primeiros 40 anos (1910-1950), com a implantação das duas primeiras igrejas, resultado direto do Avivamento da Rua Azusa. A segunda onda (anos 50 a 70) caracteriza-se pelo uso do rádio e pelas cruzadas itinerantes em tendas

de circo, teatros, cinemas e estádios, início do evangelismo em massa com ênfase na cura divina. A terceira onda, a partir de 1975, “acompanha novo surto de crescimento nos anos 80” (FRESTON, 1993, p. 95), devido à globalização na América Latina e no Brasil, inclusive simbolizada nos nomes das principais denominações neopentecostais emergentes nesse período (Universal, Internacional e Mundial). Seguindo a classificação de Freston (1993), observaremos o processo de midiáticação considerando, sobretudo, a aceleração do tempo na primeira onda do pentecostalismo brasileiro.

4.1 PENTECOSTALISMO CLÁSSICO BRASILEIRO: MIDIATIZAÇÃO DA/NA PRIMEIRA ONDA

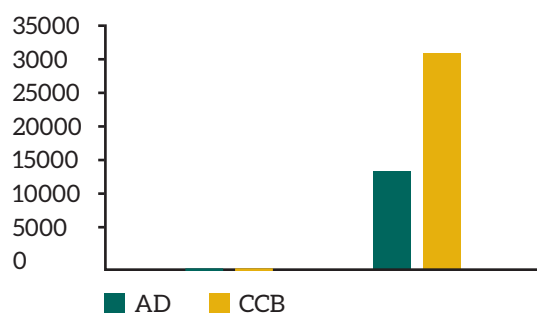
O pentecostalismo brasileiro de modo sistematizado e vinculado à corrente cristã protestante começa em 1910⁷. Nesse ano, o italiano Louis Francescon fundou em São Paulo a Congregação Cristã do Brasil (CCB) e chegaram a Belém do Pará, Gunnar Vingren e Daniel Berg, suecos que fundaram no ano seguinte o primeiro grupo das Assembleias de Deus no Brasil (ADs). Praticamente em toda primeira metade do século XX no Brasil somente essas duas denominações pentecostais se estabeleceram. A Congregação Cristã do Brasil centralizada na imigração italiana em São Paulo preservou seu *ethos*

[7] Antes de 1910 há registros de uma espécie de protopentecostalismo brasileiro, episódios de religiosos que falaram línguas estranhas ou outras características pentecostais, entretanto, são casos individualizados sem constituir denominação ou grupo de caráter institucional. Os movimentos messiânicos, como o de Canudos na Bahia (1893-1897), apesar do caráter carismático, não tinham os mesmos traços do pentecostalismo protestante, possuíam uma ascese completamente distinta nem pregavam a glossolalia como manifestação necessária.

de irmandade, como aponta Alencar (2013), uma igreja étnica e de fundamentação calvinista, bastante conservadora: “Sectária, com absoluta aversão a contatos externos, inclusive com outras pentecostais, conseguiu preservar seu modelo quase intacto. Oficialmente nunca houve uma dissidência na CCB, algo comum em todo o protestantismo” (ALENCAR, 2013, p. 159).

Enquanto a CCB se concentrou no Sudeste, sobretudo em São Paulo, até os anos 90, as Igrejas Assembleias de Deus em menos de duas décadas se espalharam pelo Norte e Nordeste, atingindo 20 estados antes de 1930. Apesar dos esforços e do ímpeto missionário dos assembleianos, a CCB chega aos anos 30 com um número de membros bastante superior ao das ADs. De acordo com dados publicados por Alencar (2013) as duas denominações começaram com 20 membros, e em 1930, a CCB contava com 30.800 e as ADs com 13.511 membros:

[FIGURA 01]
GRÁFICO DO CRESCIMENTO
DAS ADS E CCB ATÉ 1930



Fonte: Alencar, 2013, p. 160

O crescimento acelerado da CCB até os anos 30 tem relação com o processo de identificação, ou seja, era uma religiosidade pregada por um italiano na comunidade italiana em São Paulo. O desenvolvimento

industrial em São Paulo atraía uma forte migração em contraponto à crise da borracha que redimensionava o fluxo migratório do Norte para as regiões Nordeste e Sudeste do país. A CCB é calvinista e por essa razão não faz, atualmente, nenhuma atividade proselitista: não realiza apelo à conversão nos finais dos cultos; não evangeliza familiares nem amigos; a única literatura aceita é a Bíblia; não investe na mídia; as únicas publicações são o hinário, um livro com os endereços dos templos, um manual para as orquestras e o relatório anual, totalmente informativo sem caráter pedagógico

ou teológico. Não sistematiza nenhum tipo de educação teológica ou ensino bíblico, nem se utiliza qualquer dispositivo técnico-midiático para fins religiosos. Assim, se implantou a CCB em 1910 e dessa forma se mantém até os dias atuais. A partir de 1930, a CCB não conservou o índice de crescimento do número de seguidores comparado às ADs, ambas pentecostais fundadas no Brasil no mesmo período histórico por missionários enviados pela *North Avenue Mission* (Chicago-EUA), conforme dados do IBGE e de outras fontes publicados por Alencar (2013):

[QUADRO 01]
NÚMERO DE MEMBROS CCB E ADS

	1910	1930	1940	1950	1960	1970	1990	2000	2010
CCB	20	30.800	36.644	69.667	211.108	328.655	1.635.983	2.489.113	2.289.634
ADs	20	13.511	50.000	120.000	407.588	753.129	2.439.770	8.418.140	12.314.410

Fonte: IBGE *apud* Alencar (2013, p. 160)

Há indícios de certa aceleração do tempo para as ADs a partir de 1930, ao contrário dos índices de crescimento da CCB em números de membros. Se o ritmo de crescimento das duas primeiras décadas das ADs se mantivesse, com certeza o número de membros das ADs seria bem menor que o da CCB. A aceleração do tempo histórico não se restringe ao número de seguidores. Como já foi comentado, a CCB conservou-se e optou por abrir mão da apropriação dos dispositivos técnico-midiáticos, ao contrário das ADs. Esse processo consta de alguns momentos-chave, um deles foi 1930 com a apropriação da imprensa, um dispositivo midiático que inova por completo o pentecostalismo assembleiano brasileiro. A

questão é: o que acelerou o crescimento das ADs comparado à CCB a partir de 1930?

A imprensa já era usada pelos assembleianos brasileiros como meio de evangelismo e ensinamento desde 1918, a questão não está na utilização da imprensa, mas na interpenetração que tornam imprensa e religião como intersistemas. Os intersistemas são autorreferenciais, auto-organizantes e autopoietico (VERÓN, 2013, p. 298). A imprensa assembleiana em 1930 passa a se autorreferenciar e criou seus próprios mecanismos de inteligibilidade, principalmente porque era a única no campo do pentecostalismo brasileiro da época. A imprensa assembleiana reorganizou o Pentecostalismo

brasileiro tanto institucionalmente quanto em relação à unidade dos ensinamentos teológicos. Além disso, ela validou os mecanismos de identificação da religiosidade pentecostal dos quais se apropriaram quase todas as demais denominações pentecostais brasileiras até os dias atuais, exceto a Congregação Cristã do Brasil.

4.2 IMPRENSA PENTECOSTAL: A BOA SEMENTE DE MIDIATIZAÇÃO DAS ADS

A aceitação da imprensa pelos assembleianos tem raízes anteriores à chegada das ADS no país. Campos (2004, p. 148) aponta que a *queda* dos evangélicos pela mídia nasce na própria Reforma Protestante quando Lutero publica suas 95 teses escritas, além de traduzir a Bíblia para uma língua vulgar na época, o alemão, facilitando ao povo o acesso ao texto impresso, graças à prensa de Gutenberg. Herdeiras da religião do livro da capa preta, as Assembleias de Deus despontam em solo brasileiro nas figuras de missionários distribuindo Bíblias, folhetins, produzindo revistas e jornais.

Assim como Lutero que aproxima a religião do povo pelo uso da imprensa e de sua língua, as ADS se implantaram no Brasil com o diferencial no empenho dos suecos em aprender a língua dos brasileiros e, posteriormente, produzir na imprensa. Alencar (1999) relata o quanto em 1930 esse empenho foi perceptível, pois a Igreja Católica celebrava missa em latim, a Luterana em alemão, a Congregação Cristã em italiano, e as demais denominações em *teologês* anglo-saxônico, e todos os principais líderes eram norte-americanos.

A preocupação com a Língua se deu tanto nos cultos das ADS quanto nas literaturas:

hinos, artigos e lições bíblicas eram traduzidos e divulgados na imprensa assembleiana. Esse empenho em usar a língua brasileira não era observado nas demais denominações. O hábito dos brasileiros de ouvir a missa em latim pode ter inibido o interesse dos protestantes em traduzir a mensagem para a língua do povo, ou mesmo o grande índice de analfabetismo da época. Em geral, as lideranças protestantes no Brasil da primeira metade do século XX eram estrangeiras. Se pregar numa língua não vernácula é bastante complicado, traduzir materiais é uma tarefa mais complexa ainda. Tudo aponta que a expansão geográfica das ADS nas primeiras décadas foi possível porque *falar línguas* não se restringiu à glossolalia, ou seja, o diferencial era uma liderança poliglota preocupada em ser entendida (ALENCAR, 1999). Aqui sinalizamos uma questão ainda a ser pesquisada na implantação e no crescimento do pentecostalismo brasileiro, mas da qual não nos ocupamos neste trabalho.

A imprensa pentecostal norte-americana, em produção desde o Avivamento da Rua Azusa, era a referência na implantação das ADS no Brasil. Os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg denominaram o primeiro grupo formado em Belém do Pará por *Missão da Fé Apostólica* (1911-1918) por inspiração do jornal *The Apostolic Faith*⁸ (A Fé Apostólica) produzido no movimento liderado pelo pastor Seymour na Rua Azusa, Los Angeles – Califórnia (EUA). O

[8] Três periódicos foram lançados com esse mesmo nome no início do Movimento Pentecostal nos Estados Unidos. O de Charles Parham durou mais de cinco décadas, mas possuía uma média de 4.000 a 5.000 leitores. O mais famoso foi o da *Azusa Street*, circulou entre setembro de 1906 a maio de 1908, alcançando distribuição mundial de mais de 50.000 exemplares. O último era produzido por Florence Crawford em Portland (Oregon), seguindo o movimento da Azusa (ARAÚJO, 2014, p. 25).

jornal era muito popular na época e inspirou os missionários (DANIEL, 2004, p. 9).

Na primeira década de existência no Brasil há produção de jornal impresso como principal mecanismo apologético e de ensinamento doutrinário das Assembleias de Deus. Alencar (2013) entende o empreendimento das ADs na produção da mídia impressa no início do século XX como sinônimo de modernidade e empoderamento em face da condição social de seus membros: “Assembleianos pobres na periferia tinham a seu dispor neste momento um elemento incontestável de distinção social, mesmo muitos sendo semiletrados (talvez a grande maioria), mas de posse de um livro grande – a Bíblia – e de um jornal, ascendiam em importância” (ALENCAR, 2013, p. 138).

O primeiro impresso pentecostal no Brasil, denominado *Voz da Verdade*, produzido de novembro de 1917 a janeiro de 1918, teve curta duração talvez por seu caráter interinstitucional, pois não era oficialmente publicado pela Assembleia de Deus ou Fé Apostólica (como se chamava a AD nos primeiros anos). O redator principal era Almeida Sobrinho, um pastor batista, com uma biografia polêmica pela indecisão entre a doutrina batista e a pentecostal, da qual se aproximara em alguns períodos de 1916 a 1924. O redator auxiliar era João Trigueiro da Silva que se tornou pastor posteriormente, mas na época era recém-convertido, ainda não batizado. A curta existência do *Jornal Voz da Verdade* também pode ser por fatores financeiros visto que era um jornal de distribuição gratuita (ARAÚJO, 2014, p. 907-908).

Em dezembro de 1918, em Belém do Pará, foi fundado por Gunnar Vingren o primeiro periódico oficial das ADs, o jornal *Boa Semente*, que circulou de 1919 a 1930, com

formato 21,5 x 30cm, em 4 páginas, distribuído gratuitamente. Em 1921, passou a ser mensal e quando foi extinto, em 1930, sua tiragem era de 3 mil exemplares. Por meio dos esforços dos fiéis e dos dois suecos redatores do jornal *Boa Semente*, Samuel Nystron e Nels Nelson, em 1923, foi montada a primeira tipografia das ADs que, além do jornal, publicou opúsculos, calendários, hinários e revistas da Escola Bíblica Dominical (EBD). Foi um grande empreendimento em vista das condições dos assembleianos, pois a produção de impressos exigia aos membros a capacidade de leitura, exigência não feita aos pobres em nenhum outro espaço social da época:

Qual é a instituição vigente nas raias da pobreza deste país que exige alfabetização de seus membros? Uma exceção: ADs. Ser membro das ADs, por mais pobre, rural ou subempregado que seja, significa possuir, andar com, e manusear uma Bíblia. E ler. Em determinadas localidades, o único pobre que tem um livro em casa é o membro da AD. Ademais, desde 1923, assembleianos também precisam ler e estudar a revista da EBD [Escola Bíblica Dominical] (ALENCAR, 2013, p. 21).

O jornal *Boa Semente* circulava no Norte do país, mas “o declínio do ciclo da borracha colocou todas as taxas de analfabetismo dos Estados e territórios da Região Norte acima da taxa nacional” (FERRARO & KREIDLOW, 2004, p. 187). O analfabetismo era uma condição adversa para o consumo e para a produção. Com a expansão territorial das ADs em quase todos os estados nacionais, já na segunda década de existência, havia a necessidade de imprensa pentecostal nas demais regiões em que as ADs se estabeleciam. No entanto, o número reduzido de assembleianos alfabetizados e com conhecimento teológico restringia a produção.

Desse modo, somente em 1929, no Rio de Janeiro, pois a região Sudeste reunia condições mais favoráveis para produção, consumo e circulação de impressos, é fundado, também por Gunnar Vingren, um segundo periódico assembleiano de distribuição gratuita, o jornal *Som Alegre*. O jornal ganhou grande importância e circulação nacional entre os assembleianos: “o *Som Alegre*, que era lido por crentes assembleianos de todo país, circulou até outubro de 1930” (ARAÚJO, 2014, p. 820). Essa circulação nacional pode ser explicada pelo desenvolvimento do Rio de Janeiro com melhores serviços de correios, bem como pela localização mais central no país, além de deter uma população na época com maior índice de alfabetização.

O fato é que o sucesso da circulação do jornal *Som Alegre* incomodou os pastores brasileiros, principalmente nordestinos, que visavam substituir a liderança sueca, acredita-se também que se deve ao fato de Frida Vingren, esposa do Gunnar Vingren, possuir efetiva e ampla participação na direção da igreja e do jornal do Rio de Janeiro: “Com o apoio do marido, era ela quem, na prática, dirigia *O Som Alegre*” (DANIEL, 2004, p. 34). Por conta desse cenário, a liderança das ADs resolveu convocar todos os pastores para a primeira Convenção Geral das ADs do Brasil, em Natal (RN), em 1930, com pauta de quatro pontos inter-relacionados: relatório do trabalho realizado pelos missionários; nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste; circulação dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*; e trabalho feminino na igreja. Todos os pontos estavam vinculados ao quadro das tensões que circulavam em torno das figuras: *Som Alegre* e Frida Vingren⁹. Essas tensões levaram a

substituição dos dois periódicos (o de Belém e o do Rio) por outro de circulação nacional, o *Mensageiro de Paz* (MP), criado pela liderança brasileira. O MP passou a ser redigido no Rio de Janeiro, com direção de Gunnar Vingren e Samuel Nystron que, apesar de residir em Belém, estava a par do que se publicava em cada edição. Antes dessa Convenção de 1930, que fundou a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), os pastores se reuniam periodicamente para encontros chamados de Escolas Bíblicas sem caráter burocrático-normalizador. A CGADB se apropriou da imprensa, se autolegitimou dentro do campo pentecostal brasileiro, uniformizou e regulamentou as orientações teológicas e doutrinárias, instituiu o MP como único meio oficial, se constituindo em um órgão de poder decisório e soberano nas ADs em todo o território brasileiro.

O jornal *Som Alegre* durou pouco, mas foi o suficiente para mobilizar os pastores na criação da CGADB, órgão institucional constituído para controle da imprensa assembleiana, delimitando as gramáticas de produção e, portanto, os discursos do único jornal pentecostal de circulação nacional – o *Mensageiro de Paz*. A centralidade do MP resultou na unidade teológica e doutrinária nacional em todas as ADs e na maioria das igrejas do movimento pentecostal brasileiro. Entretanto, no aspecto administrativo já havia disputas entre líderes brasileiros do Norte e Nordeste e alguns missionários suecos. O MP, diferente dos dois jornais anteriores de distribuição gratuita, já instalou desde o primeiro número, em 1º de dezembro

de Janeiro? Samuel Nystron” (ALENCAR, 2013, p. 133). Samuel Nystron era missionário sueco, redator chefe do jornal *Boa Semente*, contrário ao ministério feminino teve grande apoio dos pastores brasileiros do Norte e do Nordeste na época.

[9] “As tensões se agravaram consideravelmente e, em 15 de agosto de 1932, Vingren e família voltam para a Suécia. Quem o substitui no pastoreio da igreja no Rio

de 1930, o sistema de assinaturas e vendas avulsas, com edições quinzenais. Apesar de enfrentar dificuldades tanto ideológicas quanto financeiras em seu início, o *Mensageiro da Paz*, como passou a ser grafado em 1932, encontrou ajuda: “um pequeno grupo de crentes que não podia trabalhar exclusivamente para o jornal, visto que tinham outras ocupações e o mesmo não dispunha de recursos, a não ser uma pequena verba enviada do exterior” (ARAÚJO, 2014, p. 457).

Apesar da CGADB proibir a produção de qualquer outro jornal nas ADs do país, com ênfase na ideia de unidade nacional, em 1933, na AD de Recife/PE surge o jornal *Voz Pentecostal*, que foi extinto no ano seguinte por determinação da CGADB: “tendo em vista o Mensageiro da Paz, o órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil, suficientemente apto para atender todas as necessidades das mesmas” (Ata da CGADB de 1934, In DANIEL, 2004, p. 95). Na década de 40, outra iniciativa de quebra da hegemonia do MP partiu da AD em Salvador/BA: o jornal *Voz Evangélica*, também extinto por determinação da CGADB em 1946. A política de silenciamento (ORLANDI, 2007) de outras vozes impressas nas ADs foi estabelecida até anos 80. Depois dessa década, o MP sofreu alterações conforme a dinâmica de mudanças nas ADs, por exemplo, o discurso de cidadania política passa a fazer parte das suas publicações:

A primeira mudança no MP nos anos 1980 ocorreu com a inclusão de notícias sobre o contexto político do país e, consequentemente, uma maior incidência de termos que antes raramente apareciam nas páginas do jornal, tais como “taxas de juros”, “inflação”, “crise econômica”, “contexto político”, “democracia”, “igreja e política”, “justiça social”, “liberdade religiosa no Brasil”, “mo-

vimentos sociais” e “engajamento político”, entre outros (FONSECA, 2014, p. 283).

Ainda hoje o MP é o periódico oficial da CGADB, mas à medida que muitos pastores das ADs romperam com a CGADB outros periódicos foram surgindo, a exemplo do jornal *O Semeador*, órgão de comunicação oficial do Ministério de Madureira. Atualmente, não há restrição aos Ministérios vinculados à CGADB de produzirem seus periódicos locais, a exemplo do *Nosso Setor* do Ministério da AD do Belém/SP, mas essa possibilidade de outras publicações só veio acontecer depois dos anos 90 quando a Casa Publicadora das ADs (CPAD) já havia se consolidado no mercado nacional e internacional¹⁰.

Em 1936, segundo narra Daniel (2004, p. 117), houve a declaração de desejo explícito, pelos líderes na Convenção Geral das ADs, de possuir uma casa publicadora. No próprio MP de 1938, o redator Emílio Conde¹¹, publica: “Nos grandes países como a Inglaterra, América do Norte e mesmo a Suécia, o povo pentecostal tem suas *casas publicadoras* próprias, onde imprimem toda a literatura, jornais, livros, revistas. *Quando chegará a nossa vez, de possuímos oficinas gráficas próprias?* [grifos do redator do MP]” (ARAÚJO, 2014, p. 166). Foi por conta do risco de extinção do MP que se colocou em prática às pressas o projeto de possuir uma casa publicadora das ADs, em 1940, quando o presidente Getúlio Vargas decretou que todos os jornais fossem registrados no DIP (Departamento de Imprensa

[10] A CPAD atualmente possui distribuidores na Flórida, Japão e Lisboa.

[11] Emílio Conde foi o primeiro redator não pastor contratado para o MP: “por mais de 30 anos, dedicou à CPAD sua impressionante capacidade de trabalho, que encarava não como profissão, mas como sacerdócio” (ARAÚJO, 2014, p. 166).

e Propaganda). Segundo o decreto, apenas entidades jurídicas poderiam possuir jornais. Assim nasceu a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) que passou a ser proprietária do MP.

Desde a década de 20 que as ADs publicavam revistas *Lições Bíblicas* para a Escola Bíblica Dominical (EBD). No Jornal Boa Semente havia um suplemento denominado Estudos Dominicais com esboços de estudos bíblicos para cada três meses. Com a extinção do Boa Semente toda a produção de *Lições Bíblicas* para a EBD, literaturas e demais publicações para as ADs foram transferidas à redação do MP. Conforme crescia o número de membros das ADs, aumentava a tiragem do MP, de 2.200 em 1931, passou a 11.700 em 1937, e a 17.500 em 1945. Com a produção crescendo, em seis anos de existência, surge a necessidade de ampliar a CPAD.

Essa necessidade mobilizou os pastores e líderes da CGADB que, por conta do investimento na modernização e ampliação da CPAD, se constituiu em pessoa jurídica (1946) passando a ser proprietária da CPAD. Na Convenção Geral de 1946 foi lançada a *Campanha do Milhão* que envolveu arrecadação nas igrejas do Brasil, da Suécia e dos Estados Unidos, em prol da CPAD. Dois meses depois de lançamento da campanha, o MP apresentou registro satisfatório: “Dizemos assim porque, praticamente, apenas decorridos alguns meses, já podemos considerar vitoriosa a resolução feliz da Convenção de levantar um milhão de cruzeiros e outro milhão na América do Norte e na Suécia” (MP, 1ª quinzena de janeiro de 1947, In ARAÚJO, 2014, p. 168).

A CPAD contou com financiamento estrangeiro¹² em seu início, mas logo alcan-

çou mercado no meio pentecostal, pois o uso da Bíblia e de outros impressos, como jornal, revistas, folhetos, hinário e livros era incentivado, os pentecostais sentiam o sagrado de ver de ler a Bíblia, e assim aprendiam a ler, efetivamente lendo. A maioria dos fiéis era iletrada, acompanhando os índices que indicavam 56,8% da população como analfabeta, segundo Censo de 1940. Entre as mulheres, maioria nas ADs, e nas regiões Nordeste e Norte, onde as ADs tinham maior número de membros, concentravam as maiores taxas de analfabetismo. Além disso, o analfabetismo era maior entre os pobres, público das ADs. Em geral, as reuniões começavam nas casas e os templos se instalavam nos subúrbios, a liturgia com caráter inclusivo, com uso de linguagem simples, cultos dirigidos por pares onde todos poderiam expressar suas individualidades. Uma metodologia que elevava a autoestima e projetava um senso de identificação aos marginalizados.

Por conta desses fatores, notamos um grande predomínio da oralidade nas práticas pentecostais, entretanto, sem dispensar a leitura e o estudo bíblico, heranças da Reforma. O sistema de ensino bíblico, iniciado pelo jornal Boa Semente, a partir de 1923, se aprimorou nas revistas específicas para a Escola Bíblica Dominical (EBD), que desde 1940 foi o principal meio de manutenção da produtividade da CPAD. A hegemonia da CPAD no campo pentecostal contribuiu na uniformização dos ensinamentos teológicos nos diferentes desmembramentos. A sistematização de um currículo único e de todo material a ser usado nas EBDs homogeneizou a mensagem pentecostal em todo território nacional.

Além de uniformizar nacionalmente o discurso pentecostal, a imprensa mobilizou a

[12] “Os norte-americanos estavam chegando com dólares. A instituição da CPAD, em 1946, foi uma demons-

tração da ‘dependência’ do poderio financeiro dos EUA” (ALENCAR, 2010, p. 135).

institucionalização das ADs. A burocratização racional das ADs é resultado da apropriação da lógica de funcionamento da imprensa pentecostal a partir de 1930. Essa apropriação acelerou o tempo institucional, inclusive nos números de seguidores, como se pode observar na analogia à Congregação Cristã no Brasil. As características que distinguem as ADs antes e depois de 1930 marcam indícios de nova fase do processo de mediação propiciada pelas condições estabelecidas com a apropriação do dispositivo técnico-midiático.

A circulação nacional do jornal Som Alegre mobilizou a articulação das lideranças do movimento, pois os pastores brasileiros reconheceram no Som Alegre o poder dos suecos, principalmente, do casal Vingren. Daí em diante, burocratizaram as relações, exigindo registro jurídico e instituindo a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) que, em 1946, também por conta da imprensa tornou-se pessoa jurídica. De 1946 em diante, criaram estatutos, comissões, convenções estaduais e órgãos regionais, ou seja, burocratização e outros elementos da racionalidade institucional passam a fazer parte de uma religiosidade carismática, gerando grandes tensões:

Agora, nas ADs, há uma Convenção e um Estatuto para seguir burocraticamente. Nas falas dos pastores nas Convenções surge reincidentemente o mote “na tradição das ADs”, “nos moldes antigos”, “preservação da doutrina e dos bons costumes”. Afinal, o Espírito Santo guia, revela e dirige a igreja – o Espírito e “nós”. Neste sentido, a historiografia bíblica é mais honesta, lá se admitiu que os “interesses humanos” também tinham validade; já no modelo pentecostal assembleiano é recorrente o discurso hipócrita que garante que tudo e todos são dirigidos exclusivamente

pelo Espírito Santo. Os interesses – bons e/ou maléficos – dos líderes, dos Ministérios, das corporações são colocados na cota do Espírito Santo (ALENCAR, 2013, p. 83).

As tensões são aparentes em todo o processo de mediação das ADs. Inclusive, atualmente no discurso da CPAD há a autoafirmação de seu caráter moderno, mas também de seu caráter conservador ligado aos costumes da matriz assembleiana brasileira. O discurso conservador e ativista da CPAD nos dias atuais é atravessado pelas tensões que foram surgindo com as novas mídias e com as transformações ideológicas e políticas do Brasil, principalmente, a partir da década de 80. Diante do contexto atual, a CPAD publiciza em seu portal eletrônico além de sua missão e seus objetivos, sua postura ortodoxa, sua postura eclesial e social, como sinônimo de identificação da racionalidade econômica paralelo ao pentecostalismo conservador:

Sendo o objetivo da CPAD servir à Igreja de Cristo, não acolherá em suas publicações: Ataques contra nossas autoridades convencionais e demais pastores (Ex 22.28); divisões entre o povo de Deus (1 Sm 15.23); apologias a costumes que contrariam nossas igrejas (Rm 14.20); boatos e notícias infundadas, pois levam a discórdia entre os santos (Ex 23,1); levantes contra as autoridades constituídas e a chamada desobediência civil (Rm 13.1-7); defesa de ideologias que atentam contra a dignidade e os direitos humanos (Sl 33.12); elogios e defesa do antissemitismo (Gn 12.1-3); o racismo e a eugenia (Mt 2.10); a pregação da guerra de conquista (Jr 29.7); a xenofobia, ignorando que todos os homens foram criados à imagem de Deus (Gn 1.26; Ex 19.33,34); a defesa do casamento homossexual (Gn 2.21-25;

Lv 18.22). (A postura eclesiástica e social da CPAD. Quem somos. Portal da CPAD)¹³

O ativismo foi uma marca da imprensa pentecostal desde o título do primeiro periódico, *Voz da Verdade*, faz parte da identificação de cada leitor assembleiano. As perseguições sofridas pelos pentecostais ao pregar um cristianismo ativista e de liturgia completamente diferente eram frequentemente noticiadas como batalhas próprias de uma guerra de Deus contra o mal. O ativismo se tornou mais acentuado na imprensa assembleiana a partir de 1930, quando as publicações passaram a ser comercializadas e não distribuídas gratuitamente, ficaram mais restritas aos próprios assembleianos, menos proselitista e mais militante. Na pesquisa de Alencar (1999), sobre os assuntos do *Jornal Mensageiro da paz* em seu primeiro ano (1930/1931), aponta essa evolução: foram publicados maior número de textos de militância (19,8%) que textos de evangelismo (17,6%):

Nesse artigo, Alencar (1999) separa Militância de Apologia, o que entendemos que poderiam ser compreendidos como uma única temática, Militância, pois a defesa da verdade é bastante presente no discurso pentecostal, uma *causa*¹⁴ capaz de transformar a sociedade. Pelo número de textos apologéticos no primeiro ano do MP, o tema ficou em quarto lugar, mas pela ênfase viria em primeiro. O autor ainda destaca como a perseguição foi valorizada como elemento da própria militância pentecostal. Em todas as notícias, havia uma repetição

exaustiva da sequência: 1. Estamos evangelizando; 2. Daí vem a perseguição; 3. Muitas pessoas estão se convertendo; 4. Muitos batismos (sempre os dois); 5. Nós temos a verdade (ALENCAR, 1999). Na conclusão do artigo, o autor faz uma crítica ao arrefecimento da militância assembleiana no final do século, trata da falta de voz das ADs, principalmente nos assuntos ecologia e gênero. Vale destacar que o artigo foi publicado em 1999 e que, com a mudança do século, esse cenário traz outros elementos novos. O processo de midiaticização das ADs brotou regado pela disputa de poder interno, bem como pela militância pentecostal aguerrida. Esses aspectos estão presentes em todo o percurso desse processo, algumas vezes menos ou mais aparentes, mas sempre revestidos do discurso moral como elemento da identificação assembleiana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O novo contexto da sociedade midiaticizada agrega novas lógicas de funcionamento aos sistemas sociais. A religião, nesse novo paradigma, se reconfigura acompanhando a evolução do processo de exteriorização dos sistemas psíquicos. O pentecostalismo no Brasil chega ao século XXI com uma configuração bastante complexa: uma explosão de pentecostalismos híbridos, autônomos e individualizados. Se desde a década de 50 proliferou o número de denominações heterogêneas em diversos aspectos, mas unificadas pela mensagem pentecostal, a partir dos anos 2000 os vínculos são menos institucionais e mais midiáticos, menos afetivos e mais político-ideológicos. O fiel

[13] A postura eclesiástica e social da CPAD. Quem somos. <http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=5&i=29>. Acesso em 27/11/2017.

[14] “Apologético e militante, o MP (*Mensageiro da paz*) não é apenas um jornal, é uma *causa*” (ALENCAR, 2013, p. 191).

define o tempo-espaço de sua adoração, o modo como realiza seu culto, suas práticas, a mensagem ou sermão que deseja ouvir, tudo por meio da internet que disponibiliza esses materiais *gratuitamente* e, inclusive, propiciando ambientes de socialização religiosa, formação de comunidades que se agrupam de acordo com os perfis e interesses de cada fiel-internauta. Pela internet, presume-se que minimiza o senso de vigilância do corpo físico, bem como o discurso da manutenção dos costumes tradicionalmente seguidos nas igrejas, também o proselitismo se tornou menos acentuado nas mídias digitais do que na TV e no rádio.

Além dessas transformações, outros aspectos se agregaram, por exemplo, acentuou-se um senso de identificação político-participativo, principalmente, em torno de defesa da moral conservadora. As novas possibilidades de interação pelas mídias digitais potencializaram outras formas do indivíduo continuar sendo religioso, ou mesmo de se tornar religioso sem nem mesmo frequentar templos ou reuniões presenciais:

As igrejas passam a não ter mais o controle do sagrado e da doutrina como tinham antes. A abertura para a participação e para que qualquer pessoa que professe uma fé, vinculada ou não formalmente a uma igreja, manifeste livremente suas ideias, reflexões e opiniões, tirou o controle dos conteúdos disseminados das mãos das lideranças (CUNHA, 2017, p. 31).

Essa realidade atinge em maior escala os pentecostais em trânsito que já vem transformando os indicadores do pentecostalismo brasileiro, aumentando o número de pentecostais sem denominações declaradas, quer dizer, pentecostais sem igrejas, enquanto vem diminuindo o índice

de crescimento das grandes denominações pentecostais ou neopentecostais.

O Censo do IBGE em 2010 identificou 25.370.484 pentecostais pertencentes às igrejas, dos quais 12.314.410 se declararam assembleianos, os demais são de muitas igrejas, inclusive, dissidentes das ADs. O grande destaque desse Censo é que além dos declarantes vinculados às igrejas pentecostais, apareceram outros 5.267.029 que se declaram evangélicos de origem pentecostal com filiações diversas, esse número foi o que mais cresceu, pois em 2000 eram 1.840.581. Outro dado interessante é que em 2000, o Censo classificava *pentecostais sem vinculação institucional*, diferentemente de 2010 quando juntou-se à classificação de *evangélicos não determinados*, o número passou de 1.046.487 em 2000 para 9.218.129 em 2010.

As lógicas dos vínculos religiosos não são as mesmas após a proliferação do acesso à internet. A possibilidade de autoconstituir, autoproclamar e autodistinguir enquanto religioso, por meio das mídias digitais, dispensa a filiação institucional aos fiéis. Nessa configuração, grupos diversificados e religiosos autônomos se vinculam ao título pentecostal, mas sem igrejas. Surge uma religiosidade midiatizada alinhada à identidade de referência. Uma complexidade estabelecida na contemporaneidade.

Os veículos digitais não levam as organizações religiosas a alcançar muitas pessoas fora de sua comunidade de fé. Com efeito, as novas mídias são mais utilizadas para a comunicação entre indivíduos já pertencentes a uma comunidade religiosa, ao mesmo tempo que os incentivam a adotar uma postura mais independente em relação às instituições religiosas (HJARVARD, 2014a, p. 140).

Nesse cenário de arrefecimento dos vínculos religiosos institucionalizados, parafraseando Alencar (2013): Há vida após um século de existência do movimento pentecostal? Há. Embora se reconheça, a partir do último censo do IBGE (2010), um declínio do crescimento do número de membros das grandes denominações pentecostais, as instituições estão cada vez mais se articulando para aperfeiçoar a atuação no campo político, como espécie de nova missão. O investimento no campo político se estabelece como reconfiguração da existência institucional dos pentecostais enquanto militantes mais políticos que religiosos, sobretudo, a partir dos anos 2000. A articulação política das instituições pentecostais inseriu uma parcela da população que até a década de 80 era alheia ao cenário político da nação. Antes dos anos 80, os pentecostais estavam à margem de qualquer manifestação ou envolvimento político, não aceitavam participação dos religiosos, nem abriam espaço nas igrejas para assuntos ligados à política. Diziam que política não era coisa de crente:

Cada vez que as eleições se aproximavam, principalmente, radicalizavam dizendo que “política é coisa do Diabo” e que os crentes não podem se envolver com ela. De forma geral, prevalecia a posição contrária ao envolvimento do crente com a política, uma espécie de apoliticismo religioso (ARAÚJO, 2014, p. 703).

A politização das denominações pentecostais tem relação com o processo de midiaticização da sociedade. Atualmente, como parte desse processo, a militância assembleiana transformou pastores em políticos-celebridades, assim como o evangelismo virou bandeira de um ativismo, principalmente, na política. A politização dos pentecostais clássicos, sobretudo, dos assembleianos,

de certa maneira, aproxima-os dos neopentecostais. Distinguiram-se no modo como se apropriaram dos dispositivos midiáticos, se distinguiram quanto à apropriação da Teologia da prosperidade, mas se integram na articulação política em prol da defesa de posicionamentos moralistas. Essa articulação é um novo mecanismo de unidade pentecostal que se pauta, sobretudo, nos princípios da moralidade que, segundo esses políticos, estão ameaçados. Para compreender essa dinâmica atual faz-se necessário reconhecer a midiaticização como processo que propiciou o estabelecimento do Movimento Pentecostal no século XX. Estudar a sociedade em vias de midiaticização requer investigação das religiosidades que refletem a interpenetração da mídia nos campos sociais. A comparação do percurso das duas primeiras igrejas pentecostais no Brasil nos ajuda a compreender o funcionamento do fenômeno da midiaticização no pentecostalismo clássico brasileiro, sobretudo, nos leva a refletir sobre o modo como esse processo se desdobra no posicionamento político das Assembleias de Deus nos dias atuais. ■

[CATIANE ROCHA PASSOS DE SOUZA]

Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia e Docente do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Salvador.

E-mail para contato: catirochapassos@gmail.com

[RITA DE CÁSSIA ARAGÃO MATOS]

Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC – UFBA).

E-mail para contato: rivalta@uol.com.br

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. A Militância Assembleiana no Mensageiro de Paz de 1930/31. **Artículos Del 2do. Encuentro Pentecostal de Teología. Red de Teólogos Pentecostales.** Santiago de Chile, 1999. <http://www.pentecostalidad.4t.com/articulos2.html>. Acesso em 18/10/2016.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946).** São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira:** Assembleia de Deus 1911-2011. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

A POSTURA eclesiástica e social da CPAD. **Quem somos.** <http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=5&i=29>. Acesso em 27/11/2017.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal.** 3ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BARTLEMAN, Frank (1925). **A História do Avivamento Azusa.** Prefácio John Walker. Série: Achados. Digitalizador desconhecido. Formatado por SusanaCap. Editora D'Sena / Worship, 1962.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP.** São Paulo, n.61, março/maio 2004, p. 146-163.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do Púlpito às Mídias Sociais:** Evangélicos na Política e Ativismo Digital. Curitiba: Prismas, 2017.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

FERRARO, Alceu Ravello e KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade.** jul/dez 2004. 29(2):179-200.

FONSECA, André Doney. Informação, política e fé: o jornal *Mensageiro da Paz* no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 34, nº 68, 2014, p. 279-302.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment.** Campinas. Tese de doutorado em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp. 1993.

HJARVARD, Stig. **A Mediação da Cultura e da Sociedade.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O que são afinal os media? IN: BRUCK, Mozahir Salomão, & OLIVEIRA, Max Emiliano (Orgs.). **Atividade comunicacional em ambientes mediáticos: reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues**. Posfácio de Adriano Duarte Rodrigues. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 175-186.

STOLOW, Jeremy. **Religião e Mídia**: Notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2014, 34 (2): p.146-160.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social**. Coleção O mamífero falante. Série Maior. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas? IN: FERREIRA, G. M., SAMPAIO, A. e FAUSTO NETO, A. (orgs.). **Mídia, Discurso e Sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-25.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matizes**. V. 8 – Nº 1, jan./jun. 2014. São Paulo – Brasil. p. 13-19.